

ASPECTOS DA OBRA LITERÁRIA DE FERNANDO NAMORA

João Décio

Fernando Namora, com mais de uma dezena de obras publicadas, dentre as quais os romances **As Sete Partidas do Mundo**, **Fogo na Noite Escura**, **Minas de São Francisco**, **A Noite e a Madrugada**, **O Trigo e o Joio**, **O Homem Disfarçado** e **Domingo à Tarde**, as narrativas **Retalhos da Vida de um Médico**, **Cidade Solitária**, a novela **Casa da Malta** e o livro de poesias **As Frias Madrugadas**, conseguiu se fixar como um dos bons valores da moderna literatura portuguesa.

Neste ensaio interessar-nos-ão três romances: **Domingo à Tarde**, **O Homem Disfarçado** e **O Trigo e o Joio**; das narrativas: **Cidade Solitária** e **Retalhos da Vida de um Médico** e sua poesia, reunida em **As Frias Madrugadas**.

Em primeiro lugar é preciso que se diga que em sua ficção em prosa, Fernando Namora busca associar dois elementos fundamentais: o real, constituindo êste a visão objetiva das coisas através de certa experiência da vida que o autor traduz, especialmente de seu trabalho como médico, e o ficcional, que é o literário, o artístico propriamente dito, visto constituir o elemento criativo da obra.

Veremos, por outro lado, que, não raro, em Fernando Namora êste elemento ficcionista perde muito com a preocupação do objetivo que traz o autor e claro está que o melhor do nosso romancista reside naquilo que êle criou, partindo da realidade e conferindo às suas criaturas uma vivência profunda, coisa observável, por exemplo, em **Domingo à Tarde**, a nosso ver, seu melhor trabalho e em **O Homem Disfarçado**.

A busca do real então, que sentimos, prejudica um pouco a busca da análise psicológica e o resultado é que muitas vê-

zes temos o romancista a borboletear, a catar aqui e ali elementos da psicologia das criaturas, mas sem afirmar uma continuidade do caráter dessas mesmas criaturas. Disto se infere no caso de certas personagens uma auto-suficiência, pelo menos em **As Sete Partidas do Mundo**, explicável por ser um Namora adolescente, mas que sentimos também em algumas passagens de **O Homem Disfarçado** e mesmo de **Domingo à Tarde**. Para exemplificar com êste último, podemos lembrar que, por mais que o autor insista (e isto começa nas primeiras páginas do livro), em certa feição do caráter de Jorge, a lembrar como macerava o cigarro na bôca, não conseguimos nos convencer da maior validade do problema como definição psicológica. Assim é que realmente notamos uma busca na captação do íntimo da criatura humana, mas que muitas vêzes fica na simples busca.

Já achamos que Fernando Namora está melhor nas narrativas, eis que o autor parece dar-se melhor com a fixação do instantâneo, do incidente, embora exista ainda em **Retalhos da Vida de um Médico** muito do real ao lado da ficção, e mesmo onde o social, através de variados tipos, na maioria humildes e sofredores deserdados da vida, se sobrepõe ao elemento criativo que está particularmente no narrador, no modo como a realidade exterior se projeta no seu íntimo. Temos então uma franca adesão do escritor-homem aos desprotegidos da sorte, na qual ao narrador interessa muito mais esta visão panorâmica dos problemas sociais que o aprofundamento dramático de sentido psicológico, das criaturas nas narrativas.

Notamos, assim, a capacidade do romancista de ver mais por fora do que por dentro nestas narrativas. Faz exceção, no entanto, o romance **Domingo à Tarde**, onde, jogando com um romance em primeira pessoa, Fernando Namora pode aprofundar até onde é possível a psicologia do Dr. Jorge frente a um problema humano primordial, que é a busca de comunicação no que o têrmo oferece maior conteúdo, através de uma criatura que é origem de todo o drama do médico — Clarisse.

Assim, observamos que o desajuste social do médico, seja ao ambiente de trabalho, um hospital, seja à própria vila, leva-o a sentir-se isolado, e o conduz a um caso mais humano que de rotina, que é a atitude para com Clarisse.

Em **O Homem Disfarçado** podemos sentir, logo às primeiras páginas, através do drama humano de João Eduardo, um certo sentido de frustração da criatura, através de uma impossibilidade de identificação com o drama humano, e sentimos ainda a dissecação da criatura humana, quando da ocorrência do incêndio, em que vislumbramos a tendência de reduzir a tragédia a proporções mínimas, nesta tendência de desculpar a covardia, a inação do médico que poderia salvar a criança.

Contudo, a impotência para definir-se, para mostrar sua personalidade, parece ser integrante do caráter do jovem médico, eis que, também quando conhece Luísa, naquela vila cheia de preconceitos em que pontifica a alcoviteira D. Emília, João Eduardo revela-se impotente para definir-se com relação à môça, temendo cair no desagrado da vila. Assim, por ser um caráter vacilante, indeciso, tendente à inação, José Eduardo se opõe, desde o princípio ao caráter definido, coerente e isento de frustração de Luísa. Falamos em frustração porque realmente o jovem médico, embora realizando-se profissionalmente, humanamente constitui um tipo frustrado. Em segundo lugar, verificamos que Luísa se conhece a si própria, coisa que não ocorre com o rapaz:

“Nas primeiras sortidas a um mundo que não era o seu, João Eduardo confessara-lhe o seu espanto: ‘Como podes mostrar-te tão tranqüila, tão senhora de si no meio... dêles?’ — ‘Não mereço elogios. Fica sabendo que tôda mulher nasceu para viver indiferentemente entre duquesas ou entre a ralé, conquanto essa capacidade se evidencie melhor quando se trata de duquesas...’” (p. 25).

Sentimos aqui uma evidente consciência de si mesma que dá Luísa, fato que não ocorre com João Eduardo, dramático, porque sempre em busca de algo para compensar seus dramas interiores.

O drama de João Eduardo parece derivar dos tempos duros de estudante, em que não tinha certa estabilidade que poderia ter agora como médico, embora sacrificando certas virtudes mesmas do caráter.

A vida na vila então vai abrir bem claramente certas características do comportamento do médico, que busca, principalmente, uma sobrevivência social e econômica, embora fôsse um golpe na sua consciência de homem e de médico.

Destarte sentimos uma total incapacidade de enfrentar a opressão da vilazinha, com todos seus preconceitos, suas deformações, derivando daí uma criatura vacilante, instável, falsa na associação do seu comportamento exterior com o que vai no íntimo:

“Por muito que êle, até aí, se tivesse defendido da absorção do ambiente, mais pelo seu jeito azêdo, esquivo ou retraído, do que pelo vigor da sua personalidade, era incapaz de se rebelar, de impor corajosamente seus gostos, ou as suas convicções. Apavorava-o a idéia de que sua presença na vila acabasse por ser indesejável; sentia-se fracassado, infeliz, sempre que um comentário lhe mordiscava o prestígio. Os seus anos de estudante e os primeiros tempos tinham sido tão duros, que lhe parecia impossível recompor a vida em qualquer outro lado. Aquêlle burgo mesquinho surgira-lhe na sua vida de aflições econômicas, de sucessivas frustrações, de agravo perante o meio social, como um acaso impossível de se repetir.” (p. 39).

O Trigo e o Joio, por outro lado, acaba sendo um romance diferente de Fernando Namora, em que sentimos um encaminhar-se para um levantamento de tipos rústicos, mas de uma riqueza psicológica bastante grande. Realizando um romance através da presença de uma burra, o autor consegue manter o interesse em torno do assunto em que alguns personagens adquirem um verdadeiro sentido de populares. Realmente, criaturas como Loas, Barbaças e especialmente Vieirinha parecem tipos que se humanizam no romance. Não há a preocupação de um aprofundamento psicológico, nestes tipos bastante

rudes e por isso mesmo francos; notamos uma grande movimentação da vida naquela vila esquecida do mundo, em que se encontram os protagonistas da história. Ainda mais, **O Trigo e o Joio** resulta num romance prêso à terra no que ela tem de primitivo para o espanto do homem. Há como que uma integração evidente entre o homem e a terra; é o que se pode notar na criatura ingênua e boa que é Loas. Perpassa as criaturas uma como que bondade e uma franqueza primitiva, nesta associação do homem à terra. Há simplicidade na própria história em permanecer como um relato das peripécias em busca da compra da burra.

Estamos, como se está a ver, frente a alguns tipos populares, no que apresentam de mais autêntico e dêles forçoso é destacar num plano de autenticidade humana, Vieirinha, Barbaças e em seguida Loas.

Êstes dois últimos são os que mais aparecem no desenrolar do romance e estabelecem o clima dramático em tórno da compra da burra (Fernando Namora consegue manter o interêsse da obra que praticamente gira em tórno disto), que é o maior desejo de Loas, pois isto seria a solução de uma série de grandes problemas seus. Assim, esquematicamente o romance é muito simples: a narração do tipo de vida do Loas com sua família, as aventuras pitorescas em que se mete o Barbaças na vila, onde pretende comprar a burra e a presença do Vieirinha, estabelecendo uma espécie de hiato, de todos os modos importantes para se avaliar o tipo psicológico de Barbaças, inexperienced especialmente para com as mulheres, e para se descobrir certos costumes da vila, seus vinhos, suas mulheres, etc... Mas neste episódio da vida de Barbaças, a nosso ver, reside um dos pontos altos do romance, pois sentimos mais do que nunca a finura e a destreza com que Fernando Namora sabe contar histórias. Aliás, o autor nos parece mais à vontade nesta atitude, veja-se por exemplo, o que ocorre com as narrativas de **Cidade Solitária** e **Retalhos da Vida de um Médico**, que comentaremos mais adiante. Fica aqui, no entanto, esta impressão, de o contista alçar-se ao lado do romancista, ao dominar

o episódico, o instantâneo, o pitoresco, características do conto. Fernando Namora sabe tomar muito bem certos flagrantes da vida, bastando lembrar, por exemplo, a narrativa a Piedosa Oferenda de **Cidade Solitária** e Dias de Vento de **Retalhos da Vida de um Médico**, para sentirmos a fôrça do contista.

Mas, voltando a **O Trigo e o Joio**, temos que, aqui ainda notamos como Fernando Namora sabe contar histórias, embora os tipos, psicologicamente não sejam bem aprofundados, sobresaindo-se no entanto por uma integração telúrica.

“Loas pensava em todos êsses tristes acontecimentos do passado enquanto armava o laço ao Barbaças. Sempre que abria um rêgo na terra e o ensopava com a água do poço, não podia deixar de encarar, com ressentimento e ternura, o inútil engenho que a ferrugem ia correndo.” (pp. 26-27).

Em contraste com a visão mais do humano social e de tipos rústicos de **O Trigo e o Joio**, temos a presença do humano em sentido psicológico em romances como **Domingo à Tarde** e **O Homem Disfarçado**.

Domingo à Tarde resulta em feliz associação ficcionista no sentido de trazer certos profundos dramas humanos, como os de Jorge e Clarisse, colocando-nos, por outro lado, na observação dos trabalhos de um jovem médico de província, a lembrar muito a figura de João Eduardo de **O Homem Disfarçado**, embora bem mais integral o primeiro como figura humana. **Domingo à Tarde** é quase todo um longo diálogo interior em primeira pessoa, em tom confessional, em que põe especialmente a imperiosidade da comunicação humana. Nota-se a busca de identificação do médico com as criaturas humanas humildes, pobres, confirmando aliás, uma certa preferência do moderno romance português em buscar nas classes mais baixas, culturalmente falando, a riqueza de tipos psicológicos para a criação literária. Assim, nesta tentativa de auto-análise da criatura temos uma caracterização bem firme do narrador, enquanto que as outras personagens não têm esta mesma firme configuração, conseqüência da própria técnica romancística.

Vemos então que o drama do Dr. Jorge é tanto mais profundo quanto maior a sua ânsia, ao conhecer o humano, de um lado Clarisse, de outro aquêles pobres miseráveis à busca de um consôlo, e assim vai amadurecendo mais e mais o homem. Neste particular estão alguns dos melhores momentos do romancista de **Domingo à Tarde**:

“Ficavam-me os pobres, submissos e aterrados, os que pressentiam o desfêcho como um castigo misterioso, telúrico, de que não se podia fugir, e me procuravam quase sempre apenas para ouvir uma palavra de conforto que em tôda parte lhes era negada, uma mentira mais, e pareciam rogar desculpas do seu próprio sofrimento. Esperavam de mim, cúmplice da doença, da morte ou das ilusões, não as drogas em que já nem acreditavam, mas uma espécie ambígua de solidariedade que os fizesse sentir apoiados até por quem estivesse no lado do carrasco e da vítima quando o mundo se fecha sôbre os dois. Mentiras era o que se pediam, sempre mentiras, logros mendigados de mão estendida.” (p. 5).

Sentimos desde logo esta adesão do protagonista àqueles dramas humanos que vão além da doença e da desgraça física dessas criaturas humildes, chega a uma identificação nesta atitude humana. Identificação que encontramos de mesma forma, embora com mais sentido dramático, na obra de José Rodrigues Miguéis.

Assim aos poucos vamos tentar definir certas tônicas do romance de Fernando Namora. A superação do real pelo elemento de ficção encontra sua expressão maior em **Domingo à Tarde**.

Por outro lado neste longo diálogo interior estabelecido pela personagem principal, no caso Jorge, permite-nos descobrir um outro grande elemento na obra que estamos analisando: a predominância evidente do tempo interior ou psicológico, a alargar êste problema de identificação do romancista com suas personagens, especialmente com relação à figura de Clarisse, pivô central do drama por que passa o jovem médico. Esta

personagem, das mais ricas criadas por Namora, assemelha-se quase a um mito, pela total despreocupação dos preconceitos sociais, neste ponto a lembrar bastante a figura de Luísa de **O Homem Disfarçado**. Aliás, Clarisse parece ser mesmo um aprofundamento da figura de Luísa, daí a possibilidade ainda de se aproximar personagens e romances neste particular.

Realmente como ambientação os romances de Fernando Namora se assemelham bastante. Veja-se, por exemplo, o fato de João Eduardo e Jorge serem médicos, lutarem com um problema de sobrevivência, o primeiro de sobrevivência também material, ao enfrentar aquêles tipos sórdidos de província, o segundo de traços psicológicos visivelmente mais profundos a lutar com um problema de sobrevivência moral e espiritual. De tôdas as maneiras a atmosfera no caso dêstes dois romances é mais ou menos pesada, causticante.

Todavia, em **O Homem Disfarçado** nota-se uma maior rêde de interêsses a conduzir a criatura humana, bastando lembrar-se, por exemplo, as figuras de Medeiros e José Eduardo para sentirmos isto. Já isto é notório pelo fato destas criaturas estarem impossibilitadas de se libertarem do existencial, com exceção apenas do esforço de José Eduardo para fugir daquele ambiente irreparável de hospital, mas José Eduardo resulta um tipo inadaptável ao ambiente.

Inadaptação que existe também para Jorge, embora êste seja um inadaptado num sentido geral da vida, ao passo que José Eduardo o é para uma certa realidade social. Em todo caso os dois romances partem do real para o ficcionista, e neste aspecto **Domingo à Tarde** supera **O Homem Disfarçado**.

Outras personagens completam êste quadro social de **O Homem Disfarçado**; são elas o Dr. Cunha Ferreira e o Dr. Medeiros, nesta terrível vida esmagada pelo troçar da vida das ânsias de suas personagens. O homem buscando realizar-se e sentindo que tudo o impressiona, perde uma batalha de ideologia. A impregnação do ambiente é evidente, no sentido de tornar-se irrespirável para a criatura humana.

No caso de outros romances, por exemplo, **As Sete Partidas do Mundo**, temos evidentemente outros problemas.

As Sete Partidas do Mundo, um típico romance de adolescente e que nos traz problemas da adolescência, através da história de João Queirós, jovem estudante e de suas aventuras amorosas entre as quais avultam as criaturas femininas de importância no romance; Celeste, Maria Leonor, Florinda e Lili, na ordem e importância.

Esquemáticamente o romance é simples e nos narra a história de João Queirós, saindo de sua cidadezinha a encontrar um mundo de aventuras aberto para sua inexperiência e sua decidida timidez. Por ser uma criatura vacilante, impotente de revelar à criatura querida o que lhe vai na alma, por ser um caráter indeciso, por ter sempre de escorar-se em criaturas mais experientes, sentimos desde o início em nosso herói a presença da fase da adolescência. Isto ainda é mais evidente se lembrarmos a pura duração de seus amôres, isto é, o nosso herói volta e meia está a preocupar-se com um novo amor, que sempre julga o verdadeiro e eterno. E neste borboletear na vida, Fernando Namora caracteriza bem a figura deste adolescente, ingênuo, jovem a querer mostrar-se homem (lembre-se a atitude de João Queirós, após visitar o bairro das mulheres de má vida junto com Vieira).

Assim, os amôres de João Queirós e as suas brincadeiras com os colegas de escola preenchem o romance, que deixa muito a desejar no sentido psicológico, embora se desculpe até certo ponto este defeito pela mocidade do autor que nos escreveu o livro (tinha entre 17 e 19 anos).

Nota-se ainda, especialmente na figura de João Queirós, uma atitude em que o sentimental se mistura ao sexual, num momento em que é difícil para o protagonista destacar as coisas. Essas duas atrações por exemplo, estão presentes com relação a figura de Maria Leonor, que aliás, dura pouco como motivo de interesse para o jovem estudante. A criatura que mais está presente à sua mente é Celeste. Vemos então que Fernando Namora traça um panorama com alguma profundi-

dade de certos problemas em certa altura da vida de João Queirós, personagem que vive alguns dramas na tentativa de afirmar-se libertando-se da influência familiar e dos amigos, buscando tornar-se Homem, na realização amorosa.

Então, na idade em que desperta o sexo na criatura humana, é que se situa a observação de Fernando Namora, e neste particular muita riqueza humana se pode tirar de João Queirós, especialmente na segunda parte do livro, em que mais flagrante se nota a busca de auto-afirmação da parte do nosso herói.

Em **Retalhos da Vida de um Médico** temos uma série de narrativas em que dois elementos parecem perfeitamente entrelaçados: um dêles é o objetivo, a visão do real, mais claramente do social que predomina sobre o subjetivo. Na obra associam-se dois elementos: a experiência real vivificadora de um médico frente a uma série de problemas humanos que derivam de uma série de doentes e criaturas que o cercam, levados por preconceito contra o jovem médico. O segundo elemento de principal interesse é o ficcionista, em que sentimos o romancista elevar sua perspectiva de vida limitada ao aspecto social a um sentir universalizante do problema encarando-o pelo lado humano. Esta humanidade sentimos desfilar através daquelas pobres criaturas deserdadas da sorte, campo da experiência humana e estética de Fernando Namora. E é justamente êste elemento de ficção que eleva o romance de Fernando Namora a grandes altitudes, superando a mera visão social e documentária dos fatos. Assim, obra embora vincadamente prês a ao real, **Retalhos da Vida de um Médico** é também um depoimento humano, especialmente por traduzir a luta intensa do jovem médico contra o ambiente hostil, impregnado de misticismo e descrente do elemento científico. E assim vão desfilando as criaturas, das quais parece avultar a figura do garôto abandonado de Dias de Vento em que podemos sentir uma revolta da criatura contra uma estabilidade burguesa que não tem olhos para o humano, para os humildes. Em Dias de Vento, especialmente, sentimos esta definição humana flagrante e que ocorre em outras narrati-

Notamos aqui ainda que certos elementos da Natureza encontram sempre preponderância nesta experiência sensorial que perpassa a poesia de Fernando Namora. E' desta integração dos sentidos com a realidade exterior, seja com pessoas ou com a Natureza que derivará sua dramaticidade e que orientará de um modo ou de outro, certo egocentrismo, numa impossibilidade quase permanente de se despersonalizar. Daqui deriva o intenso personalismo que marca a poesia de Namora, personalismo que às vezes chega ao excesso, visível em Poema de Amor de **Relevos**:

“Quero-me só, a sofrer e arrastar
a minha cruz.” (p. 25).

Contudo, essa paisagem melancólica e triste não é a única na poesia de Namora. Às vezes ela caminha para um otimismo saudável no modo de sentir a vida. E' o que está colocado expressivamente no Poema ao Belo Adormecido de **Relevos**

“O menino dorme...
dorme e sorri.
Há no teu sorriso,
menino dormindo,
a quietude chorosa dos ocasos

O menino dorme... dorme...
— Toca-lhe com doçura. Veste os teus passos de veludo.
Que êle nem sonhe o cetim das tuas mãos. (p. 29).

E nesse tom prossegue a poesia a denunciar, embora excepcionalmente nessa obra aquela brisa suave e calma que cerca a criatura humana.

No entretanto, num sentido amplo, a visão que Fernando Namora tem da vida, em **Relevos** e **Mar de Sargaços** constitui algo de desalentador, de descrença, de busca da realização através dos sentidos num verdadeiro drama de desagregação da criatura ao mesmo tempo de revolta contra as coisas estabelecidas, contra a burguesia, por exemplo

“— Meu amor, meu amor, tenho o corpo frio,
agasalha-me com teus beijos.

— Fôste tu que falaste? Ora, tonta, nada disso...
Ensinaram-te mal a melopéia.
Que mania a vossa de imitar a burguesia!" (p. 39).

Vemos assim que a atmosfera de poesia é sombria, ademais erótica, a caracterizar uma vivência sensorial das coisas, em que o poeta encontra apenas o vazio, a ruína, o fim.

Já em **Terra** sentimos uma atitude de otimismo do autor, buscando certos valores imorredouros da vida, presos diretamente à terra.

Daí têrmos que como atitude e como valorização da existência, **Terra** difere dos dois primeiros livros, eis que agora tôda uma construção voltada em busca da virtude da criatura humana, não mais o desprêzo por ela.

Em **Terra**, ainda mais do que nunca, está presente a Natureza como propiciadora de uma paz e consolação para a criatura humana. E' onde sentimos o homem prêso ao cosmos de uma maneira tal em que a simplicidade da criatura busca refletir a própria simplicidade da terra. Nisto resulta uma possibilidade a volta do elemento ao primitivo, à gênese das coisas da natureza está presente num verdadeiro processo de tomada impressionista da paisagem. O poeta se identifica como as criaturas simples e com o que elas fazem.

Por isso acreditamos estar em **Terra** o que melhor realizou Fernando Namora no campo da poesia.

Em **Cidade Solitária** notamos também a facilidade de Fernando Namora em criar certos tipos psicológicos, às vêzes dotados de grande dramaticidade, como ocorre, por exemplo, com a figura de Joel de "O homem vestido de negro". Nesta narrativa, aliás, reside um dos momentos mais fortes como realismo psicológico, quando Namora se põe a analisar a ação de um bando de malfeitores chefiados pelo citado Joel. Se aqui o elemento importante reside num psicologismo trazido através da narração, em "A fraude", o diálogo constitui o aspecto mais frisante, ao nos traçar do drama de Júlia, procurando fugir à vida, refugiando-se num comportamento adúlterino. Per-

passa todo o conto uma melancolia, através da impotência das criaturas de encontrarem a felicidade e o bem-estar espiritual.

Em “Tinha chovido na véspera” a atmosfera é menos tensa, para se caminhar dentro quase que exclusivamente do campo do erotismo, através das duas principais personagens, destituídas de um sentido mais elevado da vida. Duas linhas perfeitamente definidas se podem notar: uma, a da análise interior, afeta especialmente ao rapaz e a outra, a do diálogo em que podemos melhor avaliar da personalidade da môça.

Contudo, neste conto, o elemento dramático do sentir da vida, acha-se um tanto quanto esmaecido pelo tipo de criaturas frívolas e sem perspectivas maiores que o sensual (a não ser em alguns momentos, no caso da jovem em que se nota algo de espiritual), terminando tudo normalmente, sem traumas maiores para as personagens, que aliás, não se encontrariam por terem valores diferentes na vida.

Em “Sabotagem”, a vista de Namora se volta para a paisagem de uma mina para onde convergem vários tipos diferentes entre os quais o Candolas em quem o autor se demora mais. Predomina aqui a visão de tipos dentro da preocupação de se estabelecer um problema social (realismo exterior) e a análise interior de algumas personagens (Candolas especialmente e o narrador), através de um psicologismo partindo de primeira pessoa. O interêsse da narrativa reside particularmente na busca da verdade daquilo que todos fazem na mina e no destaque de um tipo psicológico, o Candolas.

“O Visconde ou uma história quase humorística” nos traz a caracterização de um suposto nobre, vilarejo dono de uma taberna, interessando primacialmente o orgulho da personagem. Perpassa a narrativa um certo tom de humor, de comichidade não muito comum na ficção de Fernando Namora.

“Fraude” desenvolve um diálogo dos participantes de um adultério, trazendo características psicológicas de Júlia, uma mulher que vive sãmente dos sentidos, ao contrário da criatura feminina de “Tinha Chovido na véspera”. Há ainda a preferência pelo diálogo, observando-se novamente como Fernan-

vas da série tais como em *A Visita*, em que sentimos o humano através da vacilação perfeitamente compreensível. Os tipos humanos preferidos pertencem, especialmente, ao Alentejo, sendo alguns da Beira. Aliás, o Alentejo é uma das regiões preferidas da ficção de Fernando Namora. O romance **O Trigo e o Joio** também se passa lá. Aliás, este é dos poucos romances em que Fernando Namora não usa do processo de associar a sua experiência de médico ao elemento ficcional. Os tipos em **O Trigo e o Joio** também são populares, como os de **Retalhos da Vida de um Médico**.

Neste último livro, portanto três aspectos devem ser ressaltados: a presença da análise psicológica, prês a figura do narrador, a experiência do social, através das criaturas com que o médico entra em contacto e o interesse pelo destaque de criaturas pobres e humildes do povo.

As Frias Madrugadas, obra poética de Fernando Namora compreende a coleção de versos dos livros **Relevos**, **Mar de Sargaços** e **Terra**.

Inicialmente o que se nota em sua poesia é a presença da apuração dos sentidos na captação da realidade, captação essa não raro cheia de melancolia, de ar sombrio, por vêzes attingindo a um certo sadismo dos sentidos. Em segundo lugar, é evidente que a Natureza constitui um elemento sempre presente à poesia, Natureza que atinge diretamente o homem que está voltado para ela e que busca interpretá-la. Outra nota característica é a perfeita consciência daquilo que busca e pretende realizar. E' o que vemos na primeira poesia de **Mar de Sargaços**

“A minha poesia vagueia pelo mundo,
por todos os caminhos do mundo,
desnorteados como os ponteiros de um relógio velho;
a minha poesia ora tem um mar de espuma, como um jardim noturno,
ora o deserto que o simum veio modificar,
ora a miragem de se estar perto do oásis,
ora os pés cansados e a febre a chicoteá-los.” (p. 51).

do Namora se sente bem na colocação do instantâneo, do incidental, traduzindo o essencial da criatura humana, no caso a jovem Júlia.

“Não é do coração” nos relata a experiência de viagem de um português, ao estabelecer contacto com um casal de belgas, resultando daí o elemento dialogal em que podemos perceber as reações de cada um relativamente às paisagens da fronteira entre Espanha e França.

O “Rapaz do tambor” nos traz a psicologia de um menino, preocupado em saber do mistério que cerca vida de seu pai. O interesse maior reside na morte trágica do menino, inocentemente crente de que, tocando seu tambor poderia enfrentar os soldados que matariam seu pai. O conto está assim cercado de uma atmosfera pesada, na descrição dos acontecimentos relativos à vida de Jenito, o pobre rapaz do tambor.

“A Piedosa oferenda” apresenta uma carga de humor, ao traçar a vida, por assim dizer, picaresca de Crispim, uma de suas melhores criações nestas narrativas, particularmente pela captação psicológica de um tipo cínico, aproveitador das circunstâncias, e especialmente fingido, conseguindo despertar com suas lágrimas, a simpatia e a compaixão da família do professor, seu antigo conhecido.

“Uma avaria no automóvel” constitui-se em um incidente em que Fernando Namora coloca o valor do tempo a desfazer a aproximação das criaturas humanas, quando depois de dez anos um homem volta à vida onde deixou inúmeras amizades, percebendo agora que tudo mudou inexoravelmente. O final da narrativa situa o pobre homem a fugir angustiadamente da indiferença de pessoas que em tempos passados conhecera. É o sentir de que como o tempo e a distância modificam sensivelmente as criaturas.

“Piquenique” decorre numa atmosfera de devaneio, de sonho, destacando-se a análise psicológica de um vulto feminino, Cristina, através de um monólogo em que a mesma situa sua vida, suas ambições, a fuga no Piquenique, etc.

“Cidade Solitária”, um dos bem estruturados contos da série, apresenta a análise interior de um quarentão, Raimundo, frente a seus problemas no escritório e na vida em geral, buscando uma integração com as criaturas humanas, impossibilitada pela própria conformação psíquica do homem. Daí derivam certos problemas que o atingem duramente: o isolamento, a falta de apoio humano, a hipocondria. Releva notar o quadro social que Fernando Namora desenvolve à volta de Raimundo, impossibilitando a êste a fuga de seu desespêro de homem isolado dentro de si mesmo.

Temos aqui uma expressiva mostra da captação do mundo interior de um homem presente a uma atmosfera de frustração que não raro encontramos nas criações de Fernando Namora; basta lembrar, por exemplo, a figura de João Eduardo, de **O Homem Solitário**.

“O Companheiro de viagem” nos apresenta um contraste entre dois tipos psicológicos, O engenheiro Jorge Reis e Adérito Lopes, figura exótica a entrometer-se na vida do primeiro. O conto nos deixa em atitude de expectativa em saber quem era realmente a figura do senhor Lopes, afinal um condutor de camioneta de mais influência na região que o próprio engenheiro, tipo explosivo e nervoso.

Finalmente em “Feira de chuva” Fernando Namora situa inicialmente uma vila com sua paisagem e em seguida a loja do sr. Custódio sempre a protestar contra as feiras que prejudicam o seu comércio. Interessa particularmente a caracterização psicológica do comerciante, mostrando especialmente como o hábito já se incorporou à sua vida (o hábito de vender).

Achamos necessário resumir as historietas de **Cidade Solitária**, para mostrar que primeiramente interessa a Fernando Namora caracterizar aquilo de mais flagrante na criatura humana. Ademais ressalte-se sempre a presença de elementos sociais a reforçarem certas captações da psicologia das personagens. Finalmente, destaque-se a preferência do contista pelo

elemento dramático da vida, pouco restando para aquilo que seria uma atmosfera de saudável otimismo.

Com tudo isto, já estamos a ver que certos valores são fundamentais na ficção de Fernando Namora, tais como a busca de um aprofundamento psicológico quase sempre conduzido dentro de uma visão amarga da vida, tanto nos romances como nas narrativas, a preferência como tema de criaturas humildes, sofredoras, e ainda mais a presença de um realismo social em que sentimos a profunda adesão do romancista às causas do humano no seu sentido mais profundo. Relembre-se ainda que tôda a ficção de Fernando Namora liga-se naturalmente à experiência de vida, superando-a naturalmente para atingir alto nível de composição artística e estética.

Justifica-se desta maneira a colocação do autor de **Retalhos da Vida de um Médico** entre os mais expressivos ficcionistas da moderna literatura portuguesa.

OBRAS CONSULTADAS:

- NAMORA, Fernando — **As Sete Partidas do Mundo**, Lisboa, Editôra Arcádia, 1958, 2a. ed., 268 pp.
- **Domingo à Tarde**, Pôrto Alegre, Editôra Globo S. A., 1963, 153 pp.
- **O Homem Disfarçado**, Lisboa, Editôra Arcádia S. A., 309 pp.
- **Retalhos da Vida de um Médico**, Lisboa, Guimarães Editôres, s. d., 4a. ed., 267 pp.
- **As Frias Madrugadas**, Lisboa, Editôra Arcádia, s. d., 151 pp.
- **Cidade Solitária**, Lisboa, Editôra Arcádia, 1959, 2a. ed., 293 pp.